

**Resenha**

ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022.

Ana Carolina Gonçalves Correia<sup>1</sup>

Sálua Cecílio<sup>2</sup>

O livro *Capitalismo pandêmico*, de Ricardo Antunes, publicado pela editora Boitempo, em 2022, nas versões impressa e digital, traz uma visão crítica a respeito das transformações ocorridas no capitalismo mundial, destacando o momento de pandemia, causada pelo *Coronavírus*, vivido principalmente nos anos 2020 a 2022. Como o próprio autor destaca, na obra é feito um retrato do Capitalismo atual, discutindo o trabalho sob aspectos relacionados ao avanço tecnológico, às mudanças nos contratos trabalhistas e ao período de pandemia. Desse modo, Antunes contextualiza o capitalismo diante da pandemia, uma vez que ela contribuiu fortemente para acelerar ou intensificar situações como precarização e desemprego, em uma época marcada pela preocupação em preservar a vida e reinventar novos modos de vida e de trabalho.

Ricardo Antunes é atualmente um dos principais autores que abordam a Sociologia do trabalho no país, publicando famosos livros como *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0* (2020), *O privilégio da servidão* (2018), *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual* (2009), *Os sentidos do trabalho* (2009), *Adeus ao trabalho?* (2009), dentre outros. Sua obra expressa profundo conhecimento a respeito da temática. Antunes tem livros e artigos publicados em países como Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Portugal, Espanha e outros. Atua como docente na Universidade Estadual de Campinas, ocupando a cadeira de professor titular de Sociologia. Possui doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo e mestrado em Ciência política pela Universidade Estadual de Campinas. Também é pesquisador de larga experiência e maturidade científica, apresentando, em seu currículo, diferentes projetos de

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade de Uberaba. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFTM - Uberaba). Especialista em Enfermagem do Trabalho pela Fundação São Camilo e em Enfermagem em Psiquiatria e Saúde Mental pela Faculdade Unyleya. Graduada em Enfermagem - Bacharelado e Licenciatura, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora do Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde da Universidade Federal de Uberlândia. Tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Enfermagem em Saúde Mental, Ética Profissional, Saúde do Trabalhador e Metodologias ativas

<sup>2</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (1971), mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1999). É docente de tempo contínuo na Universidade de Uberaba, no Programa de Pós-graduação em Educação.

pesquisa sobre o trabalho, além de coordenar coleções nas editoras *Boitempo* e *Expressão popular* e colaborar com revistas científicas no país e no exterior.

O livro *Capitalismo pandêmico* está organizado em três partes, além da apresentação e das referências. Na apresentação, Antunes cita o contexto histórico, marcado pela disseminação do *Coronavírus*, agente causador da pandemia, as motivações para escrita do livro e como os capítulos foram articulados e estruturados. Na primeira parte do livro, denominada *Pandemia do Capital*, são apresentados três capítulos, nos quais o autor faz reflexões sobre a pandemia e suas repercussões no mundo do trabalho. Já a segunda parte do livro, *Pandemia e pandemônio*, com mais três capítulos, traz discussões políticas que influenciaram questões econômicas, sociais e de saúde vividas no Brasil durante a pandemia e os anos que a antecederam. Por fim, a terceira parte, denominada *Do proletariado industrial ao uberizado*, apresenta seis capítulos e aborda as transformações ocorridas no mundo do trabalho, desde a revolução industrial, passando pelo Taylorismo, Fordismo e Toyotismo, até estar no momento da economia digital, com novas formas de trabalho propiciadas pelas plataformas digitais. Alguns capítulos foram baseados em livros e artigos publicados por Antunes em outros países, sendo flexibilizados para o livro.

A pandemia intensificou o empobrecimento e a miserabilidade da classe trabalhadora em geral. Assim, considerando esse contexto da pandemia aliado à crise econômica, Antunes escolhe o termo Capitalismo pandêmico para assim nomear o sistema capitalista nesse período, o que se mostra bastante original e inovador na literatura. Cabe destacar que, em países como Itália e Áustria, nos quais foram publicados artigos que deram origem ao livro, o autor utiliza o termo Capitalismo virótico, por entender que essa expressão fica mais adequada aos idiomas publicados. Pandêmico ou virótico, Antunes utiliza essas expressões para descrever o sistema capitalista marcado pela pandemia do *coronavírus* e acometido por outras mazelas, relacionadas às crises humanitárias, ambientais e do mundo do trabalho, vivenciadas nesse contexto. Para Antunes, o Capitalismo pandêmico reforça as discriminações de classe, gênero e raça, evidenciando a falta de proteção à classe trabalhadora, uma vez que os efeitos da crise econômica são maiores para os indivíduos que dependem do trabalho para sobreviver. Isso pode ser visto a partir do período do distanciamento social e da suspensão das atividades consideradas não essenciais, como tentativa de controle da propagação do *coronavírus*, trazendo desemprego, fechamento de pequenas e médias empresas ou mesmo precarização dos trabalhos que se mantiveram. O renomado sociólogo do trabalho, como lhe é peculiar e em coerência com sua crítica ao sistema capitalista em curso, também traz à tona as contradições do sistema

e as desigualdades de classe, ao expor o fato de que a classe burguesa acumula riqueza enquanto a classe trabalhadora praticamente realiza atividades semelhantes à escravidão, fazendo referência a outro livro de sua autoria, *O privilégio da servidão*. Como solução para a crise capitalista, o autor salienta que foram adotados novos contratos trabalhistas e novos formatos de trabalho, caracterizados pela informalidade e flexibilização. A exemplo dessa situação, são citados aspectos como a *uberização* do trabalho, o *home office* e a educação a distância (EaD), discutidos nos próximos parágrafos.

Para introduzir as discussões a respeito do trabalho *uberizado*, do *home office* e da EaD, primeiro faz-se necessário lembrar que esses formatos de trabalho são viabilizados por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), cuja expansão ampliou a precarização do trabalho em diferentes setores. Antunes salienta que as TDIC fazem parte do trabalho na era informacional, representadas pelas plataformas digitais e aplicativos, sendo comandadas pelas relações capitalistas, que se utilizam da força de trabalho descartável e facilmente substituível. Dessa forma, a expansão das TDIC trouxe a inclusão de ferramentas para o trabalho, reduzindo, assim, o trabalho vivo e aumentando o trabalho morto.

A *uberização* do trabalho é descrita por Antunes como uma nova modalidade de servidão, dentre outras já em curso, cujas características envolvem informalidade, trabalhos intermitentes, precarização, risco de desemprego, assédio ao trabalhador, risco de acidentes, morte e suicídio. O termo, cuja origem se dá a partir da palavra *uber*, faz referência aos aplicativos de transporte e de entrega, com a prestação de serviços de motoristas e entregadores, caracterizada pela ausência de contratos trabalhistas e consequente redução de direitos do trabalhador.

Em relação ao *home office* e ao teletrabalho, o autor aponta que essas novas formas de trabalho trazem mais perdas ao trabalhador do que ganhos. São modalidades que tiveram grande crescimento na pandemia, em virtude do distanciamento social e que devem continuar em ascensão. O sociólogo aborda como consequência desse formato, fatores como a individualização do trabalho, com maior distanciamento do trabalhador da chefia e demais trabalhadores, resultando em diminuição das relações interpessoais e coletivas, com impacto negativo sobre as organizações sindicais. Uma vez que as organizações sindicais perdem força, os efeitos surgem com a redução dos direitos trabalhistas. Além disso, no teletrabalho e no *home office*, não existe separação entre tempo de trabalho e tempo de vida, uma vez que o trabalho toma tanto tempo quanto espaço da rotina do trabalhador, ocupando aspectos como descanso, lazer, momentos com a família, dentre outros. Antunes destaca que esses formatos de trabalho

intensificam o trabalho feminino, visto que as mulheres ainda constituem a maioria responsável pelo trabalho domiciliar, realizando cuidados com a casa e família, aumentando a divisão sociosexual. Essa situação torna-se ainda mais evidente quando são analisadas mulheres negras e de baixa renda, o que no Brasil, é apenas mais uma confirmação desde a fase de colonização.

Ainda sobre a análise do trabalho mediado por TDIC, Antunes traz para discussão a EaD, que indica a possibilidade para as instituições de ensino obterem maiores lucros, aumentando o número de alunos matriculados e reduzindo o número de docentes. Cabe destacar que, ao abordar a EaD, o autor faz referência aos cursos que são criados e estruturados como uma modalidade a distância, regulamentados e autorizados como tal pelo Ministério da Educação. No livro, o autor não discute, em específico, a situação do ensino remoto emergencial, adotado como solução temporária nos cursos presenciais para a manutenção do ensino durante o isolamento social em virtude da pandemia. Entretanto, pode-se perceber que as alterações advindas com o home office e o uso de TDIC no ensino remoto também são capazes e eficazes no sentido de influenciar o trabalho na educação, mantendo o status da produtividade. No que diz respeito à EaD, os professores gravam suas aulas e elaboram seus materiais didáticos, que são reproduzidos inúmeras vezes, por diversas turmas e grandes quantidades de alunos. Essa situação favorece a instituição de ensino, com redução de gastos relacionados ou destinados ao pagamento de professores, com a possibilidade de alcançar um maior número de alunos e, conseqüentemente, obter maior lucro. Nesse sentido, Antunes destaca que a expansão da EaD transforma as instituições educacionais em empresas que buscam o lucro, em detrimento da ciência e da pesquisa.

Antunes aborda o contexto político e social do Brasil no final do século XX e início do século XXI, afim de apresentar as transformações vividas pela sociedade nos anos que antecederam à pandemia. O autor destaca alterações na política e na sociedade, com ênfase na reforma trabalhista e sua influência nos contratos e direitos do trabalhador. Assim, são apresentados, como consequência dessa reforma, o trabalho intermitente, a terceirização, a flexibilização dos contratos, a precarização, o enfraquecimento dos sindicatos, dentre outros relativos ao mundo do trabalho o contexto do “capitalismo pandêmico”. Ainda, diante desse quadro, é possível compreender que a pandemia contribuiu para agravar a situação dos trabalhadores, acelerando as mudanças previstas na reforma trabalhista e trazendo, além do medo do adoecimento para aqueles que ainda permaneceram em seus postos de trabalho, o risco de desemprego.

Ao discutir a respeito das transformações do Capitalismo no Brasil, o livro traz um comparativo com os demais países americanos, mencionando as lutas de classes, iniciando com os movimentos indígenas e de escravos nos séculos XVII e XVIII. Assim, Antunes descreve uma linha do tempo desses movimentos, passando pela Revolução Industrial e as associações de operários das indústrias e portos nos séculos XIX, o surgimento dos sindicatos, até chegar à expansão capitalista, culminando com a exploração do trabalho. Com isso, o século XX é marcado pela mundialização do capital, caracterizada pela hegemonia dos Estados Unidos sobre os países latino-americanos, com reflexos expressos em transformações no trabalho, como a terceirização, a flexibilização e a informalidade. Como resultado dessas transformações para o capitalismo do século XXI, o autor destaca as alterações na classe trabalhadora, que tem se mostrado fragmentada, heterogênea e marcada pela precarização do trabalho. Antunes também discute aspectos relacionados à origem da luta de classes na Inglaterra, fazendo referência ao livro Engels intitulado *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, abordando os movimentos operários e a exploração do trabalho feminino e infantil nesse país no século XIX, o que serve para confirmar ser muito antiga a condição precarizada dos trabalhadores na história.

Nos capítulos finais, Antunes retoma as discussões a respeito do trabalho na era digital, abordando a expansão do trabalho *uberizado* ou *plataformizado*, com uma nova denominação para o proletariado, chamado *cibertariado*, agora formado por trabalhadores das plataformas digitais e trabalhos virtuais. Assim, o autor conclui o livro apontando as transformações ocorridas no capitalismo, com destaque para a influência das tecnologias, culminando em uma nova forma de exploração e degradação do trabalho.

O livro de Ricardo Antunes proporciona uma visão atual e objetiva sobre as transformações no mundo do trabalho no contexto relacionado às tecnologias digitais e à pandemia do *Coronavírus*. A leitura de *Capitalismo pandêmico* é indicada para aqueles que se interessam e/ou estudam temas como o capitalismo contemporâneo, o mundo do trabalho e o que desse quadro resulta para a subjetividade e a vida dos trabalhadores. Além disso, sua leitura pode ampliar os conhecimentos para aqueles que, independentemente da área de formação, estudam a influência e as consequências da pandemia sobre o cotidiano dos indivíduos, em especial que diz respeito às novas formas de trabalho e suas repercussões individuais e coletivas na constituição de quem trabalha submetido ao ritmo e aos programas direcionados pelas tecnologias em forma de plataformas.